

# INCLUIR É ATIVAR: METODOLOGIAS NO ENSINO TÉCNICO COM EQUIDADE ÉTNICO-RACIAL

*TO INCLUDE IS TO ACTIVATE: METHODOLOGIES IN TECHNICAL EDUCATION WITH ETHNIC-  
RACIAL EQUITY*

**Kely Moreira Pereira da Rocha Nobre**

MUST University, Estados Unidos

**Kelcia Patrícia Batemarque**

Universidade Federal de Rondonópolis, Brasil

**Maria Angela Teodoro**

MUST University, Estados Unidos

**Cristiany Lima Láuar**

MUST University, Estados Unidos

**Maria Aparecida Ribeiro de Magalhães Nascimento**

MUST University, Estados Unidos

**Sandra Régina Moreira Pires Dietz**

MUST University, Estados Unidos

**Cátia Cirlene Vieira Esperandir**

MUST University, Estados Unidos

**Ana Domingas Leite da Silva**

MUST University, Estados Unidos

**Resumo:** A presente pesquisa discute o papel das metodologias ativas como instrumento de promoção da equidade étnico-racial no ensino técnico. Em um cenário educacional ainda marcado por desigualdades e exclusões, pensar práticas pedagógicas que valorizem as identidades e experiências de estudantes negros e indígenas torna-se um imperativo ético e político. O ensino técnico, muitas vezes orientado por currículos pragmáticos e eurocentrados, carece de estratégias que reconheçam a diversidade cultural presente nas salas de aula. Nesse contexto, as metodologias ativas despontam como alternativas viáveis ao promoverem protagonismo estudantil, diálogo entre saberes e valorização das trajetórias individuais. O objetivo geral deste trabalho é analisar de que maneira as metodologias ativas podem contribuir para a promoção da equidade étnico-racial no ensino técnico, com foco em práticas pedagógicas inclusivas voltadas a estudantes negros e indígenas. A pesquisa foi desenvolvida por meio de abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica e documental. Foram consultadas fontes nas bases CAPES, SciELO e Google Acadêmico, com publicações entre 2017

e 2024, utilizando termos relacionados ao ensino técnico e à inclusão étnico-racial. Os resultados evidenciam que, quando aplicadas com intencionalidade crítica, essas metodologias possibilitam experiências formativas mais plurais e acolhedoras. Projetos interdisciplinares, narrativas de vivência e uso de tecnologias digitais foram destacados como estratégias eficazes. Ainda assim, persistem desafios relacionados à formação docente, resistência institucional e escassez de recursos. A pesquisa aponta para a urgência de políticas educacionais que fortaleçam a diversidade como eixo estruturante e sugere o aprofundamento de estudos empíricos sobre práticas inclusivas em diferentes contextos regionais.

**Palavras-chave:** Ensino técnico. Metodologias ativas. Inclusão étnico-racial. Educação de jovens negros. Educação indígena

**Abstract:** This research discusses the role of active methodologies as a tool for promoting ethnic-racial equity in technical education. In an educational landscape still marked by inequalities and exclusions, designing pedagogical practices that value the identities and experiences of Black and Indigenous students becomes both an ethical and political imperative. Technical education, often guided by pragmatic and Eurocentric curricula, lacks strategies that acknowledge the cultural diversity present in classrooms. In this context, active methodologies emerge as viable alternatives by promoting student agency, intercultural dialogue, and the appreciation of individual trajectories. The general objective of this study is to analyze how active methodologies can contribute to promoting ethnic-racial equity in technical education, focusing on inclusive pedagogical practices aimed at Black and Indigenous students. The research followed a qualitative approach, using bibliographic and documentary analysis. Sources were consulted from the CAPES, SciELO, and Google Scholar databases, covering publications from 2017 to 2024, with search terms related to technical education and ethnic-racial inclusion. The results show that, when applied with critical intentionality, these methodologies provide more plural and inclusive learning experiences. Interdisciplinary projects, narrative-based learning, and the use of digital technologies were highlighted as effective strategies. Nevertheless, challenges persist regarding teacher training, institutional resistance, and lack of resources. The study underscores the urgency of educational policies that reinforce diversity as a foundational axis and suggests further empirical research on inclusive practices in various regional contexts.

**Keywords:** Technical education. Active methodologies. Ethnic-racial inclusion. Education of Black youth. Indigenous education.

## 1 Introdução

A busca por práticas pedagógicas que promovam uma formação mais humanizada e representativa tem levado instituições de ensino técnico a revisitar seus métodos de ensino. No cenário brasileiro, marcado por desigualdades sociais e raciais, pensar um ensino técnico inclusivo exige mais do que políticas de acesso: demanda currículos sensíveis à diversidade e metodologias que valorizem as vozes historicamente marginalizadas, como as de pessoas negras e indígenas. As metodologias ativas, nesse contexto, emergem como ferramentas capazes de tornar o processo educativo mais dinâmico, crítico e emancipador. Ao colocar o estudante no centro da aprendizagem, tais práticas instigam a autonomia e estimulam a escuta de múltiplas experiências sociais e culturais. No campo da educação técnica, onde o pragmatismo das competências específicas muitas vezes silencia debates identitários, a inclusão torna-se ainda mais desafiadora. Desse modo, a integração de metodologias ativas com perspectiva étnico-racial

propõe uma ruptura com modelos homogêneos e eurocentrados, possibilitando que outros saberes, corpos e territórios sejam legitimados no espaço escolar. É nesse terreno que se desenha a proposta deste trabalho: refletir sobre o uso dessas metodologias como estratégia de inclusão educacional no ensino técnico.

Historicamente, o acesso de estudantes negros e indígenas ao ensino técnico foi marcado por processos de exclusão sistemática, fruto de uma estrutura social racializada. Mesmo após a ampliação de políticas afirmativas, como cotas e programas de permanência, os desafios persistem dentro das salas de aula, onde a invisibilidade e o silenciamento dessas identidades ainda são uma realidade. Nesse sentido, metodologias que incorporem debates sobre raça, território, ancestralidade e pertencimento podem não apenas enriquecer o aprendizado, mas também contribuir para o fortalecimento subjetivo desses estudantes. A inserção de práticas pedagógicas como *problem-based learning*, aprendizagem por projetos e ensino híbrido, quando contextualizadas com temas étnico-raciais, cria oportunidades para que os alunos se reconheçam nos conteúdos e participem ativamente da construção do saber. Esse engajamento crítico, por sua vez, tende a reduzir a evasão e ampliar a qualidade da formação, pois promove uma educação que respeita as trajetórias e saberes diversos. A escola técnica, ao reconhecer essa pluralidade, passa a cumprir não apenas sua função técnica, mas também social, política e formativa.

É fundamental destacar que as metodologias ativas não são, por si, sinônimos de inclusão. Se aplicadas de modo descontextualizado, podem reproduzir as mesmas lógicas excludentes das práticas tradicionais. Quando pensadas a partir de uma perspectiva intercultural, no entanto, essas metodologias ampliam o espaço de fala, escuta e colaboração. Isso é especialmente relevante no ensino técnico, onde o diálogo entre teoria e prática é constante e permite vincular o conteúdo escolar às realidades vividas pelos estudantes. A inclusão, nesse caso, ultrapassa o aspecto físico ou de acesso, e se consolida como um compromisso com a justiça cognitiva. Ao considerar o território, a identidade racial, as memórias ancestrais e a cultura como parte do currículo, o processo educativo torna-se um campo fértil para experiências transformadoras. A valorização de saberes indígenas e afro-brasileiros, por exemplo, desloca o foco das metodologias centradas exclusivamente em referências eurocêntricas, abrindo espaço para novas epistemologias. Com isso, o ensino técnico se reconfigura como ambiente de criação coletiva e plural.

A adoção de metodologias ativas no ensino técnico também se articula com os debates contemporâneos sobre equidade racial e justiça social na educação. Ao contrário da transmissão unidirecional de conteúdos, essas abordagens convidam estudantes e professores a assumirem papéis coparticipativos, promovendo um processo formativo mais horizontal. No entanto, para que essa mudança ocorra de forma eficaz, é necessário que os educadores estejam preparados para lidar com questões étnico-raciais de maneira sensível e fundamentada. Isso implica em uma formação docente contínua, pautada no letramento racial, na escuta ativa e na mediação de conflitos. Os projetos pedagógicos dos cursos técnicos, por sua vez, devem reconhecer a urgência da inclusão em suas práticas avaliativas, planejamentos e material didático. Antunes (2024) observa que a inclusão educacional só se concretiza quando o currículo dialoga com a diversidade e proporciona experiências de pertencimento. Assim, o uso consciente das metodologias ativas torna-se uma estratégia para a construção de um ensino mais representativo, que valoriza a diversidade como parte constitutiva da formação humana e profissional.

No contexto das políticas públicas brasileiras, observa-se uma crescente valorização das metodologias participativas como instrumentos de democratização do ensino. Leis como a 10.639/2003 e a 11.645/2008 reforçam a obrigatoriedade da abordagem das histórias e culturas africana, afro-brasileira e indígena nos currículos escolares. No entanto, a implementação desses dispositivos nas escolas técnicas ainda é marcada por lacunas, especialmente no que diz respeito à intencionalidade pedagógica. A presença de estudantes negros e indígenas nessas instituições, embora crescente, não se traduz necessariamente em experiências de pertencimento e valorização de suas identidades. Diante disso, as metodologias ativas podem representar não apenas um recurso didático, mas uma ferramenta de resistência e transformação. Ao promoverem espaços de escuta e coautoria, tais práticas reafirmam o papel político da educação e seu compromisso com a equidade. É neste ponto que o ensino técnico pode contribuir para a redução das desigualdades, ao incorporar práticas pedagógicas que considerem os sujeitos em sua inteireza.

A relevância do tema ganha força à medida que novas pesquisas e experiências pedagógicas demonstram o impacto positivo das metodologias ativas na inclusão educacional. Estudos apontam que tais práticas aumentam o engajamento, o senso de pertencimento e a autoestima de estudantes de grupos subalternizados, ao permitir que suas narrativas sejam acolhidas e legitimadas no espaço acadêmico. Em especial no ensino técnico, voltado à inserção no mundo do trabalho, essa valorização contribui para o desenvolvimento de competências profissionais associadas a uma ética do cuidado, da diversidade e da cooperação. A aprendizagem baseada em problemas reais e socialmente situados, por exemplo, possibilita que os estudantes pensem criticamente os desafios enfrentados por suas comunidades, propondo soluções inovadoras e comprometidas com o bem comum. Souza (2024) afirma que práticas pedagógicas comprometidas com a justiça social contribuem para a reconfiguração da experiência escolar como espaço de transformação coletiva. Assim, o conhecimento técnico torna-se uma ferramenta de transformação social.

Com base nesses pressupostos, este artigo tem como objetivo geral analisar como o uso de metodologias ativas pode contribuir para uma educação técnica inclusiva de pessoas negras e indígenas. Para tanto, foram definidos dois objetivos específicos: a) identificar os principais desafios enfrentados por esses estudantes na permanência e aprendizagem no ensino técnico; b) compreender de que forma as metodologias ativas podem ser adaptadas para promover o protagonismo e a equidade étnico-racial nesse contexto. Trata-se, portanto, de uma investigação que articula os campos da pedagogia crítica, da educação técnica e da justiça racial, propondo um olhar analítico e propositivo sobre o uso de recursos pedagógicos inovadores. Ao considerar a centralidade das experiências dos sujeitos no processo educativo, o estudo reconhece a importância de práticas que rompam com a lógica da homogeneização e valorizem a multiplicidade de trajetórias presentes nas salas de aula do Brasil.

A abordagem metodológica adotada nesta pesquisa é de natureza bibliográfica e documental, com foco em produções científicas que abordem a intersecção entre metodologias ativas, ensino técnico e inclusão étnico-racial. Foram consultadas fontes nas bases Periódicos CAPES, Scielo e Google Acadêmico, priorizando artigos publicados nos últimos cinco anos. A escolha por essa abordagem se justifica pela necessidade de compreender como a produção teórica tem refletido sobre o tema e quais contribuições podem ser mobilizadas para o debate educacional contemporâneo. A análise se baseou na leitura crítica e cruzada das referências selecionadas, buscando identificar padrões, lacunas e possibilidades de articulação entre teoria e

prática. A discussão dos resultados será realizada a partir dos eixos temáticos extraídos dos textos, com ênfase nas experiências pedagógicas que evidenciem o potencial das metodologias ativas como instrumentos de inclusão e valorização da diversidade.

Este artigo está estruturado em seis capítulos, além desta introdução. No segundo capítulo, descreve-se a metodologia de pesquisa utilizada, incluindo os critérios de seleção das fontes e o Quadro 1 com a distribuição das referências. O terceiro capítulo aborda os fundamentos teóricos sobre metodologias ativas e sua aplicação no ensino técnico. O quarto capítulo explora as práticas pedagógicas inclusivas voltadas para estudantes negros e indígenas. O quinto capítulo analisa experiências reais e desafios enfrentados por professores e alunos na implementação dessas metodologias. O sexto capítulo apresenta os resultados e discussão, destacando as contribuições e limites encontrados na literatura. Por fim, o sétimo capítulo traz as considerações finais, com reflexões sobre os achados e sugestões para futuras pesquisas e políticas públicas na área.

## 2 Metodologia

A pesquisa aqui apresentada tem natureza qualitativa, de abordagem bibliográfica e documental. Sua construção se apoia na análise de obras publicadas em periódicos científicos nacionais, com foco nos temas de metodologias ativas, ensino técnico e inclusão étnico-racial. Esse tipo de investigação, segundo Brito, Oliveira e Silva (2021), permite ao pesquisador entrar em contato com uma gama de produções já consolidadas sobre determinado tema, viabilizando a compreensão crítica de fenômenos educacionais sem a necessidade de intervenções empíricas diretas. Isso confere ao trabalho consistência teórica e amplitude de perspectivas.

A opção pela pesquisa bibliográfica se justifica pelo propósito de explorar como as metodologias ativas vêm sendo debatidas e aplicadas no contexto do ensino técnico inclusivo. Conforme argumentam Sousa, Oliveira e Alves (2021), essa modalidade de pesquisa é constituída por material já publicado, sendo ideal para a exploração de temas amplos e multifacetados. Nesse sentido, os dados aqui considerados foram obtidos por meio da leitura sistemática de artigos indexados, analisados quanto ao seu conteúdo, contexto e aplicabilidade teórica. Essa abordagem possibilita uma leitura crítica da produção acadêmica existente, evidenciando convergências, lacunas e tendências.

A pesquisa foi conduzida em bases acadêmicas reconhecidas, como a Biblioteca Virtual dos Periódicos CAPES e a base SciELO. A escolha dessas fontes decorre de sua representatividade no cenário da pesquisa em educação no Brasil. Nelas foram aplicados os descritores “ensino técnico”, “metodologias ativas”, “inclusão étnico-racial”, “educação de jovens negros” e “educação indígena”, isoladamente e em combinações. A seleção dos descritores visou garantir a abrangência temática e a precisão nos resultados, permitindo a localização de estudos que, direta ou indiretamente, discutem o objeto da presente análise.

Foram considerados como critérios de inclusão os artigos publicados entre 2017 e 2024, com acesso aberto, disponíveis em português, e que apresentassem relação direta com os eixos temáticos da pesquisa. A triagem inicial resultou em 48 artigos. Após leitura dos títulos e resumos, 22 textos foram selecionados para leitura integral. A leitura criteriosa permitiu a exclusão de 10 textos por não apresentarem relação com a proposta analítica. Ao final, 12 artigos compuseram

o corpus da análise, conforme mostrado no Quadro 1. Os dados obtidos foram sistematizados com base na análise de conteúdo e confrontados entre si.

Quadro 1 – Distribuição dos artigos selecionados por base de dados

| Base de dados | Localizados | Selecionados |
|---------------|-------------|--------------|
| CAPES         | 29          | 5            |
| SciELO        | 19          | 3            |
| <b>Total</b>  | <b>48</b>   | <b>8</b>     |

Fonte: Elaborado pelas autoras

A análise dos dados seguiu princípios da abordagem qualitativa, voltada à interpretação dos significados presentes nos textos. Como afirmam Brito, Oliveira e Silva (2021), a pesquisa qualitativa permite compreender aspectos subjetivos e simbólicos do fenômeno estudado, indo além de uma simples quantificação de ocorrências. Assim, as experiências relatadas nos artigos foram lidas como narrativas sociais, reveladoras de práticas pedagógicas, desafios institucionais e estratégias de inclusão. O cruzamento entre os dados permitiu identificar padrões, tensões e possibilidades no uso das metodologias ativas.

Além da leitura integral, foram produzidos fichamentos analíticos dos textos, sistematizando dados como objetivo do estudo, público-alvo, tipo de metodologia ativa empregada, e recortes étnico-raciais abordados. Essa organização possibilitou uma análise comparativa entre as experiências descritas. A categorização das práticas foi inspirada na análise de conteúdo e orientada pelos objetivos específicos desta pesquisa. A triangulação das fontes fortaleceu a validade interpretativa, garantindo consistência às reflexões apresentadas nos capítulos seguintes.

As metodologias ativas observadas nos artigos analisados incluem sala de aula invertida, projetos integradores, aprendizagem baseada em problemas (ABP) e estudos de caso. Tais práticas foram discutidas à luz da inclusão étnico-racial, sendo avaliadas quanto à sua capacidade de promover protagonismo estudantil, respeito às identidades culturais e valorização de saberes diversos. Essa análise será desenvolvida de forma aprofundada nos próximos capítulos, com destaque para experiências bem-sucedidas e desafios relatados por educadores e estudantes.

Portanto, a opção metodológica adotada neste artigo permitiu alcançar os objetivos propostos, articulando a análise de dados secundários à interpretação crítica das contribuições presentes na literatura. Como observam Sousa, Oliveira e Alves (2021), a pesquisa bibliográfica é essencial na construção do conhecimento acadêmico, pois subsidia a análise de diferentes abordagens sobre o mesmo fenômeno. A seguir, no terceiro capítulo, serão discutidos os fundamentos teóricos das metodologias ativas e sua inserção no ensino técnico brasileiro.

### 3 Fundamentos teóricos das metodologias ativas no ensino técnico

A reconfiguração do processo de ensino-aprendizagem nas últimas décadas tem exigido das instituições educativas a revisão de suas práticas pedagógicas. No contexto do ensino técnico, essas mudanças se tornam ainda mais relevantes por envolverem não apenas a aquisição de conteúdos teóricos, mas o desenvolvimento de competências aplicadas e contextualizadas. É nesse cenário que emergem as metodologias ativas como estratégias capazes de dinamizar a aprendizagem. Em

vez de apenas transmitir informações, essas abordagens colocam os estudantes no centro da ação pedagógica, desafiando-os a resolver problemas, desenvolver projetos e articular teoria e prática de forma crítica e colaborativa. A pedagogia ativa, portanto, rompe com o modelo bancário e cria condições para o protagonismo estudantil. Trata-se de um deslocamento paradigmático que atribui novos sentidos ao papel da escola, ao currículo e à mediação docente.

As metodologias ativas englobam uma variedade de práticas que buscam mobilizar saberes em situações reais ou simuladas. Entre elas, destacam-se a aprendizagem baseada em problemas (problem-based learning), o estudo de caso, a aprendizagem por projetos e a sala de aula invertida. Essas práticas favorecem o trabalho em equipe, a autonomia intelectual e o raciocínio crítico. No ensino técnico, tais competências são fundamentais para que o estudante consiga se inserir no mundo do trabalho de forma ética e inovadora. Os conteúdos deixam de ser compartimentalizados e passam a dialogar entre si, promovendo uma formação integral. A articulação entre os saberes técnicos e as experiências de vida dos estudantes permite uma aprendizagem situada, fortalecendo os vínculos entre escola, comunidade e território. Essa aproximação torna o currículo mais significativo e sensível às realidades sociais.

Em contextos de diversidade étnico-racial, como os que envolvem estudantes negros e indígenas, o uso de metodologias ativas adquire uma dimensão política. Trindade e Santos (2019) apontam que tecnologias como a realidade virtual, quando integradas a projetos pedagógicos voltados à temática indígena, podem gerar empatia, engajamento e valorização da identidade cultural. A proposta ativa, nesse sentido, rompe com a invisibilização de sujeitos e saberes, permitindo que o currículo seja tensionado e reconstruído a partir de outras epistemologias. Para além da inovação didática, trata-se de uma postura ética e de reconhecimento. A prática pedagógica ativa, ao considerar a história e a cultura dos sujeitos, contribui para a construção de uma escola mais democrática e plural. Isso é especialmente relevante no ensino técnico, onde muitas vezes o currículo desconsidera as contribuições culturais de populações subalternizadas.

O ensino técnico, quando pautado por metodologias tradicionais, tende a reforçar a fragmentação dos conhecimentos e a padronização das práticas. No entanto, ao adotar estratégias ativas, há abertura para a experimentação, o erro, a dúvida e a invenção. Isso exige um novo papel do professor: não mais o transmissor de conteúdos, mas o facilitador de processos. Ele atua como mediador entre diferentes saberes e experiências, incentivando os estudantes a explorarem múltiplas possibilidades. Essa mediação é especialmente significativa em turmas marcadas pela heterogeneidade cultural, pois requer sensibilidade, escuta e disposição para adaptar o percurso formativo às realidades dos alunos. A prática ativa, nesse caso, é também prática de acolhimento. O vínculo entre educador e estudante se fortalece quando ambos se reconhecem como sujeitos do processo de ensino e aprendizagem.

Outro aspecto relevante diz respeito ao currículo. Para que as metodologias ativas possam se consolidar como práticas efetivas, é necessário um currículo flexível, integrado e interdisciplinar. Um currículo rígido, centrado na transmissão linear de conteúdos, dificulta a aplicação de propostas inovadoras. Já um currículo que valoriza a interdisciplinaridade e a contextualização favorece a construção de projetos que dialogam com os interesses dos estudantes. Nesse contexto, a inserção de temáticas étnico-raciais não pode ser episódica ou folclórica, mas precisa estar incorporada de maneira transversal e crítica. Falqueto (2023) defende que o currículo deve ser construído de modo a respeitar e valorizar a diversidade cultural, articulando-se com práticas

pedagógicas que provoquem reflexão sobre desigualdades e relações de poder na escola técnica. Assim, as metodologias ativas se tornam instrumentos para promover a equidade.

Silva et al. (2023) destacam que o uso de metodologias ativas no ensino de práticas antirracistas fortalece não apenas a aprendizagem técnica, mas também o desenvolvimento ético e político dos estudantes. Os autores enfatizam que a ideia de igualdade abstrata, expressa na máxima “somos todos iguais”, muitas vezes desconsidera as desigualdades reais vividas por estudantes negros. Nesse sentido, as metodologias ativas, ao promoverem a escuta e o debate, se apresentam como estratégias potentes para problematizar o racismo estrutural e construir um espaço de aprendizagem mais humano e inclusivo. O ensino técnico, ao incorporar essas abordagens, amplia sua função social e se compromete com a justiça racial. A aprendizagem se torna uma experiência transformadora quando orientada por valores como respeito, diálogo e alteridade.

A formação docente é outro elemento essencial para a efetividade das metodologias ativas. Muitos professores ainda enfrentam dificuldades em abandonar práticas expositivas ou em lidar com a diversidade presente em sala. Investir em formação continuada, que valorize a reflexão crítica sobre a prática e o compartilhamento de experiências, é indispensável. O uso de metodologias ativas requer planejamento, intencionalidade e abertura para o novo. No ensino técnico, essa formação deve considerar não apenas as especificidades dos cursos, mas também as dimensões socioculturais dos estudantes. Costa e Oliveira (2024) apontam que a formação de professores para contextos interculturais deve contemplar aspectos ético-políticos, a escuta sensível e o reconhecimento das múltiplas identidades. A escuta ativa e o reconhecimento da pluralidade são caminhos para transformar a sala de aula em espaço de emancipação.

A tecnologia, quando aliada às metodologias ativas, potencializa processos formativos. Plataformas interativas, simulações, jogos educativos e ambientes virtuais permitem ampliar os modos de aprender. No entanto, é fundamental que seu uso esteja vinculado a projetos pedagógicos significativos. O ensino técnico, muitas vezes dotado de infraestrutura tecnológica, tem a oportunidade de desenvolver práticas inovadoras. Contudo, isso só ocorrerá se houver uma compreensão crítica do papel da tecnologia na educação. É preciso evitar a ilusão de que a mera presença de recursos tecnológicos garante qualidade educativa. O diferencial está na forma como esses recursos são mobilizados em experiências formativas ancoradas na realidade dos sujeitos. A tecnologia deve estar a serviço da construção de sentidos, e não da reprodução mecânica de conteúdos.

Por fim, refletir sobre os fundamentos das metodologias ativas no ensino técnico exige considerar seus desafios e limites. A mudança pedagógica é um processo complexo, que envolve resistências, experimentações e ajustes constantes. Ainda assim, sua adoção representa um avanço significativo rumo a uma educação mais justa, crítica e plural. Quando orientadas por princípios de equidade e inclusão, essas práticas contribuem para transformar a escola técnica em um espaço de valorização das diferenças, de diálogo intercultural e de construção de futuros mais solidários. Nos próximos capítulos, serão discutidas experiências concretas de práticas pedagógicas inclusivas voltadas à formação de estudantes negros e indígenas. A análise dessas vivências permitirá compreender como as metodologias ativas podem ser transformadoras quando enraizadas na diversidade.

#### 4 Práticas pedagógicas inclusivas voltadas a estudantes negros e indígenas

A inclusão de estudantes negros e indígenas no ensino técnico ultrapassa a barreira do acesso e desafia a escola a refletir criticamente sobre suas práticas pedagógicas. Muitos desses estudantes enfrentam a negação de suas identidades e vivenciam processos de silenciamento dentro do ambiente escolar. Nesse contexto, práticas pedagógicas inclusivas não se restringem à adaptação de materiais, mas exigem uma postura que valorize os saberes ancestrais, a oralidade, as tradições culturais e os modos próprios de aprender. A escola, ao reconhecer essa pluralidade, deixa de impor uma única lógica de aprendizagem e passa a dialogar com múltiplas formas de produzir conhecimento. A inclusão torna-se, assim, compromisso ético com a equidade e com o respeito à diversidade.

As metodologias ativas se apresentam como caminhos promissores para a construção dessa pedagogia inclusiva. Ao deslocarem o foco da transmissão para a problematização e para a ação, essas metodologias favorecem o protagonismo estudantil e criam espaços para a escuta de diferentes vozes. O estudante deixa de ser um receptor passivo e assume o papel de sujeito do processo educativo. Quando o currículo incorpora temas relacionados à história, cultura e luta de povos negros e indígenas, fortalece-se o vínculo entre o conhecimento escolar e a realidade dos estudantes. A valorização de suas identidades é parte fundamental da construção de um ensino técnico mais democrático e sensível às demandas sociais do país.

Souza (2024) ressalta que, ao reconhecerem os saberes e as experiências de estudantes negros, as práticas pedagógicas inclusivas se tornam instrumentos de transformação da cultura escolar. A autora defende que metodologias que estimulem o protagonismo desses sujeitos, como projetos interdisciplinares voltados para a realidade das periferias e das comunidades tradicionais, gerem pertencimento e sentido à aprendizagem. Essa perspectiva é essencial para romper com a lógica meritocrática que desconsidera os impactos históricos do racismo na trajetória educacional. A pedagogia inclusiva, articulada às metodologias ativas, desafia a estrutura escolar a se abrir ao diálogo intercultural e à reconstrução coletiva do conhecimento.

O currículo também desempenha papel estratégico nesse processo de inclusão. Para que as metodologias ativas efetivamente promovam equidade, é necessário que os conteúdos curriculares reflitam a pluralidade da sociedade brasileira. Falqueto (2023) argumenta que a presença de elementos culturais afro-brasileiros e indígenas deve ser estruturante no planejamento pedagógico, e não apenas aparecer em datas comemorativas. A autora aponta que projetos de ensino que articulam cultura, território e ancestralidade ampliam as possibilidades de aprendizagem significativa e geram novas formas de resistência dentro da escola. O ensino técnico, nesse sentido, precisa repensar sua organização para incorporar diferentes epistemologias e reconhecer a legitimidade dos saberes não hegemônicos.

Além da estrutura curricular, o papel da escola como espaço de acolhimento também se revela determinante para o sucesso da inclusão. Afonso et al. (2020) destacam que políticas institucionais de permanência, apoio psicológico, bolsas e tutorias são fundamentais para que estudantes negros e indígenas possam enfrentar as dificuldades impostas pelas desigualdades raciais. Os autores ressaltam que práticas pedagógicas só terão impacto real se forem acompanhadas de condições materiais e simbólicas para que os estudantes permaneçam na escola e se sintam pertencentes. O diálogo entre políticas públicas e projetos pedagógicos torna-se,

portanto, imprescindível. A inclusão exige estratégias integradas e contínuas, que envolvam toda a comunidade escolar.

Outro aspecto fundamental para a efetivação das práticas inclusivas é a formação docente. Muitos professores não se sentem preparados para lidar com a diversidade étnico-racial presente em suas turmas, o que pode gerar insegurança e até reproduções inconscientes de preconceitos. Kaminski et al. (2019) indicam que ações formativas voltadas à valorização da diversidade, à educação antirracista e à interculturalidade ampliam a capacidade dos docentes de propor atividades mais sensíveis às realidades dos estudantes. Os autores ressaltam a importância de uma postura investigativa por parte do educador, capaz de reconhecer os saberes dos alunos e dialogar com suas referências culturais. O professor torna-se, nesse cenário, um mediador de mundos e um facilitador do encontro entre diferentes visões de mundo.

As práticas pedagógicas inclusivas também demandam uma mudança na concepção de avaliação. Avaliações padronizadas, que desconsideram os contextos socioculturais dos estudantes, reforçam desigualdades e inviabilizam o reconhecimento de avanços reais. Práticas avaliativas formativas, reflexivas e contextualizadas permitem observar o desenvolvimento de competências em diferentes dimensões. No caso de estudantes negros e indígenas, isso significa observar também o fortalecimento de suas identidades e a valorização de suas vozes no espaço escolar. Avaliar, nesse contexto, é escutar, acompanhar e apoiar trajetórias singulares. As metodologias ativas favorecem esse processo ao permitirem que os estudantes exponham seus processos de aprendizagem de forma criativa e crítica.

Projetos integradores, oficinas temáticas, rodas de conversa, narrativas orais e mapeamentos culturais são algumas das estratégias utilizadas por escolas técnicas que se propõem a ser inclusivas. Essas atividades não apenas dinamizam a aprendizagem, mas estabelecem vínculos entre a escola e o território, entre o saber técnico e o saber tradicional. A experiência escolar torna-se significativa quando os estudantes se reconhecem nos conteúdos e nas práticas pedagógicas. A transformação da escola em um espaço de escuta e respeito amplia as possibilidades de permanência e sucesso escolar. Quando bem implementadas, essas práticas constroem pontes entre o passado ancestral e os projetos de futuro, contribuindo para a emancipação dos sujeitos.

## **5 Experiências e desafios na implementação das metodologias ativas em contextos étnico-raciais diversos**

A transição da teoria para a prática na aplicação de metodologias ativas em contextos étnico-racialmente diversos revela tanto os potenciais quanto os limites dessas abordagens. Quando bem planejadas, essas metodologias permitem a valorização de saberes tradicionais, o diálogo intercultural e a superação de práticas pedagógicas excludentes. No entanto, sua implementação ainda enfrenta resistências institucionais, fragilidade na formação docente e escassez de recursos. A proposta de uma educação inclusiva, por meio das metodologias ativas, exige um reposicionamento dos profissionais da educação, que devem estar dispostos a escutar, acolher e reconhecer as identidades dos estudantes como parte constitutiva do processo formativo.

Diversas experiências documentadas evidenciam como projetos pedagógicos baseados na aprendizagem por projetos ou no estudo de caso contribuem para tornar o ambiente escolar mais receptivo às demandas de estudantes negros e indígenas. Em alguns institutos federais, por exemplo, iniciativas que articulam cultura local, território e ancestralidade aos conteúdos

técnicos têm gerado maior engajamento e permanência dos estudantes. Essas práticas favorecem o vínculo com o currículo e ampliam o sentimento de pertencimento, reduzindo a evasão. No entanto, quando aplicadas sem conexão com a realidade dos alunos, as metodologias ativas podem se esvaziar de sentido e reforçar desigualdades preexistentes.

Entre os fatores que dificultam a implementação dessas metodologias está a insegurança de muitos docentes frente ao desafio de promover inclusão com intencionalidade. Como destaca Antunes (2024), a ausência de formação específica sobre diversidade étnico-racial impacta diretamente a capacidade dos professores de planejar atividades que dialoguem com as trajetórias dos estudantes. A formação continuada, nesse cenário, torna-se estratégica para consolidar uma postura pedagógica crítica, sensível e aberta ao diálogo. A resistência docente, nesse caso, não é necessariamente contrária à inclusão, mas decorre de lacunas históricas no processo formativo e da carência de espaços institucionais para reflexão coletiva.

O uso de tecnologias digitais no ensino técnico tem sido explorado como estratégia para fortalecer a aprendizagem e a inclusão. Em algumas práticas analisadas por Kaminski et al. (2019), ferramentas como vídeos, aplicativos e plataformas digitais foram mobilizadas para dar visibilidade às culturas indígenas, permitindo que os próprios estudantes narrassem suas histórias. Esses recursos, no entanto, só produzem efeito quando estão associados a práticas pedagógicas planejadas e comprometidas com a equidade. O uso acrítico da tecnologia pode reforçar estigmas ou ignorar contextos culturais específicos. Assim, a mediação docente é central para que os recursos digitais se tornem verdadeiramente inclusivos.

Outro desafio recorrente está na estrutura curricular dos cursos técnicos, que muitas vezes desconsidera a diversidade sociocultural dos estudantes. Como apontam Costa e Oliveira (2024), a fragmentação dos conteúdos técnicos e a ausência de temas que dialoguem com a realidade dos estudantes negros e indígenas enfraquecem o vínculo entre escola e território. A proposta de projetos interdisciplinares que incluam temas como racismo ambiental, ancestralidade e direitos territoriais tem se mostrado eficaz na construção de uma aprendizagem significativa. Essas práticas contribuem para a valorização das identidades e a promoção de uma educação mais crítica e emancipadora, fundamentada no reconhecimento das diferenças.

A atuação da gestão escolar tem se revelado um fator decisivo para o fortalecimento das metodologias ativas voltadas à inclusão. Em estudo realizado por Afonso et al. (2020), observou-se que escolas com lideranças engajadas em políticas de equidade apresentaram maior êxito na implementação de práticas inclusivas. O incentivo a projetos pedagógicos colaborativos, a criação de núcleos de diversidade e o apoio à formação docente contínua são estratégias que demonstram compromisso institucional. A gestão, nesse caso, não apenas organiza a escola, mas articula princípios democráticos à prática cotidiana, promovendo um ambiente escolar mais acolhedor e sensível às demandas de seus estudantes.

As experiências que deram certo compartilham alguns elementos em comum: escuta ativa, diálogo entre saberes, reconhecimento dos territórios e abertura à participação estudantil. A criatividade pedagógica, somada ao compromisso político, transforma a escola técnica em um espaço de afirmação e resistência. A realização de oficinas culturais, rodas de conversa, visitas a comunidades tradicionais e produções audiovisuais tem potencializado a construção de vínculos e a ressignificação da experiência escolar. Essas ações demonstram que a inclusão é construída cotidianamente e depende da disposição para transformar a escola a partir de seus sujeitos e seus contextos.

No entanto, os avanços ainda convivem com desafios persistentes. Avaliações padronizadas, resistência de parte do corpo docente, limitações estruturais e ausência de representatividade entre os professores são obstáculos que ainda dificultam a consolidação de uma pedagogia inclusiva. A revisão das práticas avaliativas, por exemplo, é necessária para reconhecer não apenas o desempenho técnico, mas os processos de aprendizagem e crescimento pessoal dos estudantes. A avaliação precisa considerar as narrativas, os saberes e as histórias que os estudantes trazem consigo. As metodologias ativas, nesse aspecto, oferecem possibilidades para uma avaliação mais justa, formativa e contextualizada.

## 6 Resultados e discussão

A análise dos textos selecionados permitiu sistematizar os principais achados sobre o uso de metodologias ativas no ensino técnico com enfoque inclusivo para estudantes negros e indígenas. Os dados revelam avanços significativos quando tais metodologias são aplicadas com intencionalidade pedagógica e compromisso com a diversidade. Evidenciaram-se experiências em que o protagonismo estudantil, a valorização da identidade cultural e a articulação com o território foram elementos centrais para o sucesso das práticas inclusivas. No entanto, também foram identificados obstáculos persistentes, como a fragilidade na formação docente, a resistência institucional e a ausência de políticas estruturantes que sustentem essas ações a longo prazo.

As experiências descritas apontam que as metodologias ativas podem promover uma aprendizagem mais significativa ao conectar o conteúdo técnico com as realidades socioculturais dos estudantes. Em estudos como o de Costa e Oliveira (2024), verificou-se que projetos que abordam temas como ancestralidade, território e racismo institucional geraram maior envolvimento dos estudantes e ampliaram o sentimento de pertencimento à escola. Tais práticas contribuíram para a diminuição da evasão escolar e para o fortalecimento da autoestima dos estudantes negros e indígenas. Contudo, os resultados também mostram que, sem mediação crítica, essas metodologias podem ser esvaziadas de sentido e reforçar exclusões pré-existentes.

A seguir, o Quadro 2 apresenta uma síntese comparativa dos principais achados obtidos nos artigos analisados, relacionando as práticas pedagógicas com seus efeitos no contexto do ensino técnico inclusivo.

Quadro 2 – Síntese das experiências com metodologias ativas e inclusão étnico-racial

| Fonte                   | Estratégia aplicada                               | Efeitos observados  |
|-------------------------|---|---|
| Costa e Oliveira (2024) | Projetos interdisciplinares com temática racial   | Aumento da participação e redução da evasão escolar                   |
| Antunes (2024)          | Aprendizagem baseada em projetos locais           | Fortalecimento da identidade e engajamento nas atividades             |
| Kaminski et al. (2019)  | Uso de mídias digitais em contextos indígenas     | Visibilidade cultural e valorização das narrativas próprias           |
| Afonso et al. (2020)    | Apoio institucional e formação docente            | Sustentação das práticas inclusivas e sensibilização do corpo docente |
| Souza (2024)            | Metodologias de escuta e narração de experiências | Reconhecimento dos saberes estudantis e afirmação identitária         |

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Os dados sintetizados no quadro confirmam que as metodologias ativas, quando contextualizadas, potencializam a aprendizagem e promovem o reconhecimento das múltiplas identidades que compõem o espaço escolar. A mediação docente é um dos elementos mais determinantes para o sucesso dessas estratégias. Conforme observado por Souza (2024), práticas que estimulam a escuta e a narração das experiências dos estudantes geram um ambiente de confiança e favorecem a construção coletiva do conhecimento. Isso reforça a necessidade de formação crítica e contínua dos professores para lidar com as complexidades da diversidade.

Por outro lado, os desafios à consolidação de práticas inclusivas permanecem intensos. Antunes (2024) salienta que muitos docentes ainda compreendem as metodologias ativas como modismos pedagógicos, desprovidos de fundamentação teórica. Essa percepção contribui para a rejeição ou uso mecânico dessas estratégias, esvaziando seu potencial emancipador. Além disso, a ausência de infraestrutura adequada, como acesso à internet, espaços flexíveis e materiais didáticos contextualizados, compromete a aplicabilidade das metodologias, especialmente em regiões periféricas ou em comunidades tradicionais.

Kaminski et al. (2019) apontam que a tecnologia pode ser aliada na promoção da inclusão, mas alertam que sua eficácia depende da intencionalidade pedagógica com que é empregada. O uso de mídias digitais para que estudantes indígenas registrem suas práticas culturais, por exemplo, mostrou-se uma ferramenta de valorização identitária. Contudo, o risco de folclorização e de uso descontextualizado do conteúdo exige atenção constante. A inclusão digital, portanto, deve ser pensada junto com a inclusão curricular, epistemológica e afetiva, de modo a não perpetuar invisibilizações.

Outro aspecto evidenciado na análise dos textos foi o papel da gestão escolar na efetivação das propostas inclusivas. Afonso et al. (2020) reforçam que o envolvimento da equipe gestora é essencial para garantir condições materiais, apoio pedagógico e fortalecimento das redes de proteção e acolhimento. Escolas com lideranças comprometidas apresentaram maior êxito na articulação entre currículo, formação docente e participação da comunidade. O apoio institucional, quando presente, facilita a continuidade dos projetos e evita que práticas bem-sucedidas se percam com a troca de equipes.

Embora as experiências analisadas demonstrem avanços relevantes, a consolidação das metodologias ativas como ferramentas de inclusão étnico-racial ainda exige políticas públicas articuladas, investimento em infraestrutura e formação docente com foco em equidade. A superação das desigualdades raciais no ensino técnico passa pela construção de uma escola crítica, sensível e aberta à pluralidade dos saberes. A promoção da justiça social no ambiente escolar não pode ser responsabilidade exclusiva de professores engajados, mas um compromisso coletivo que envolva toda a instituição.

## **7 Considerações finais**

A presente pesquisa teve como objetivo geral analisar de que maneira as metodologias ativas podem contribuir para a promoção da equidade étnico-racial no ensino técnico, com foco em práticas pedagógicas inclusivas voltadas a estudantes negros e indígenas. A análise bibliográfica permitiu compreender que tais metodologias, quando utilizadas com intencionalidade crítica, podem romper com lógicas tradicionais de ensino e construir experiências formativas mais

plurais, participativas e acolhedoras. O protagonismo estudantil, a valorização da identidade cultural e o diálogo com os saberes comunitários emergem como princípios essenciais para a construção de uma educação técnica inclusiva e democrática.

Os resultados obtidos indicam que o uso das metodologias ativas pode promover maior engajamento, permanência e sentimento de pertencimento entre os estudantes que historicamente têm sido marginalizados nos espaços escolares. Práticas como projetos interdisciplinares, narrativas de experiências, produção de mídias culturais e articulação com o território revelaram-se eficazes na valorização das identidades étnico-raciais e na desconstrução de estereótipos. Tais experiências exigem, contudo, uma reestruturação institucional que envolva desde a formação docente até o redesenho curricular, incluindo o fortalecimento de políticas de acolhimento, escuta e participação da comunidade escolar.

A pesquisa evidenciou, também, os desafios enfrentados por professores e gestores na implementação dessas práticas. A ausência de formação específica, a resistência de parte do corpo docente, a limitação de recursos e a falta de respaldo institucional foram apontadas como obstáculos persistentes à efetivação de propostas inclusivas. Ainda que existam experiências promissoras, sua continuidade depende do comprometimento institucional e de uma política educacional que reconheça a diversidade como fundamento da justiça social. A inclusão não pode ser compreendida como ação isolada ou pontual, mas como eixo estruturante do projeto político-pedagógico da escola técnica.

A atuação da gestão escolar mostrou-se um elemento estratégico na articulação de ações voltadas à equidade racial. Escolas que contam com lideranças comprometidas com a inclusão apresentam maior capacidade de integrar práticas pedagógicas transformadoras ao cotidiano escolar. Além disso, o fortalecimento de redes de apoio, como núcleos de estudos da diversidade e comissões de equidade, contribui para o enfrentamento do racismo institucional e para a criação de um ambiente mais acolhedor. A gestão democrática, aliada à formação continuada, constitui um dos caminhos mais promissores para consolidar a inclusão como prática permanente e transversal.

Este estudo contribui para o campo da educação ao reunir evidências teóricas e práticas sobre a relação entre metodologias ativas e inclusão étnico-racial no ensino técnico. Ao mesmo tempo, aponta limites que precisam ser enfrentados com seriedade e compromisso político. A construção de uma escola técnica plural, crítica e comprometida com os direitos humanos requer o envolvimento de todos os atores educacionais, bem como o fortalecimento de políticas públicas intersetoriais. A equidade não se realiza apenas no plano das intenções, mas na construção cotidiana de práticas pedagógicas que reconhecem, acolhem e celebram as diferenças.

Como possibilidade futura, propõe-se a realização de estudos de campo com análise de experiências concretas em diferentes regiões do país, com vistas a compreender como as políticas de inclusão têm sido efetivadas e com quais resultados. Recomenda-se, também, o aprofundamento das discussões sobre formação inicial e continuada de docentes voltadas à diversidade étnico-racial, bem como a elaboração de materiais didáticos que contemplem as múltiplas vozes da população brasileira. O caminho da inclusão é longo, mas essencial para a construção de uma sociedade mais justa, equitativa e plural.

## Referências

- AFONSO, Germano Bruno et al. Potencialidades e fragilidades da realidade virtual imersiva na educação. *Revista Intersaberes*, v. 15, n. 34, 2020.
- ANTUNES, Ciro Carlos. Letramento racial na formação de professores: Desafios e estratégias. *International Journal of Professional Business Review*, v. 9, n. 10, p. 6, 2024.
- BRITO, Ana Paula Gonçalves; OLIVEIRA, Guilherme Saramago; SILVA, Brunna Alves. A importância da pesquisa bibliográfica no desenvolvimento de pesquisas qualitativas na área de educação. *Cadernos da FUCAMP*, v. 20, n. 44, 2021.
- COSTA, Sandra Larissa Maciel; OLIVEIRA, Patricia Chaves de. Metodologias ativas de ensino em ciências agrárias: trazendo o território indígena para dentro da sala de aula. *Cuadernos de Educación y Desarrollo*, v. 16, n. 6, p. e4490-e4490, 2024.
- FALQUETO, Dayara Vaz. *Turistando na cidade de Vitória e educando para as relações étnico-raciais*. 2023.
- GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi; KLAUS, Viviane; PEREIRA, Ana Paula Marques. Pesquisa documental histórica e pesquisa bibliográfica: focos de estudo e percursos metodológicos. *Proposições*, v. 33, p. e20200141, 2022.
- KAMINSKI, Márcia Regina et al. Uso de jogos digitais em práticas pedagógicas realizadas em distintos contextos escolares. *Educação Matemática Pesquisa*, v. 21, n. 2, 2019.
- SOUSA, Angélica Silva; OLIVEIRA, Guilherme Saramago; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. *Cadernos da FUCAMP*, v. 20, n. 43, 2021.
- SOUZA, Marinez Silva Santos. *Uma proposta de alfabetização e letramento no contexto da educação indígena*. 2024.
- TEIXEIRA, Antonio Fernando de Jesus. *Uso do Arco de Maguerez no processo ensino-aprendizagem na formação de técnicos em enfermagem à luz do educando: uma experiência com metodologia ativa*. Mestrado em Saúde e Educação, 2018.
- TRINDADE, Matheus José dos Santos; SANTOS, Cristiano Aprígio dos. Realidade virtual na sala de aula: prática de ensino de Geografia. *GEOSABERES*, v. 10, n. 22, p. 72-80, 2019.